

Influências da reforma psiquiátrica para a construção da neuronutrição no Brasil: uma revisão de literatura

Influences of psychiatric reform for the construction of neuronutrition in Brazil: bibliographic review

Influencias de la reforma psiquiátrica para la construcción de la neuronutrición en Brasil: una revisión de la literatura

Helder Matheus Alves Fernandes^{1*}, Elane da Silva Barbosa², Gabrielle Cavalcante Barbosa Lopes³, Lara Thaís Rodrigues de Souza Neves Viana³, Renato Gondim de Oliveira⁴, Lorena Santiago de Sousa³, Rebecca Alves Falcão⁵, Mariana Gosmão de Carvalho⁶, Aline Muniz Cruz Tavares⁷, Bruna Pamera Gonçalves Rufino⁶.

RESUMO

Objetivo: Refletir sobre contribuições e influências da reforma psiquiátrica brasileira para a construção da neuronutrição a partir da perspectiva da promoção em saúde mental. **Revisão bibliográfica:** O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica com abordagem teórico-reflexiva. Assim, compreende-se que o processo de ressignificação do sujeito em sofrimento psíquico a partir do movimento sociopolítico da reforma psiquiátrica demandou novos cuidados em saúde que visassem o mínimo de métodos invasivos possíveis para o tratamento das psicopatologias. Com isso, no decorrer do tempo, foi sendo gestada a neuronutrição, contribuindo para a produção de um cuidado em saúde mental, relacionando o comportamento alimentar e as influências dos nutrientes para a melhoria das emoções, neurocognição, humor e no tratamento dos transtornos mentais. **Considerações finais:** Portanto, a reforma psiquiátrica brasileira a partir do seu processo de desconstrução-construção-reconstrução do modelo psiquiátrico, possibilitou a atuação e a inserção do nutricionista no campo de saúde mental.

Palavras-chave: Saúde mental, Ciências da nutrição, Transtornos mentais, Saúde pública.

ABSTRACT

Objective: To reflect on the contributions and influences of the Brazilian psychiatric reform for the construction of neuronutrition from the perspective of mental health promotion. **Bibliographic review:** The study was developed through a bibliographic review with a theoretical-reflective approach, so It is understood that the process of resignification of the subject in psychic suffering from the sociopolitical movement of psychiatric reform demanded new health care aimed at the least possible invasive methods for the treatment of psychopathologies. Thus, over time, neuronutrition was developed, contributing to the production of mental health care, relating eating behavior and the influences of nutrients to the improvement of emotions, neurocognition, mood and in the treatment of mental disorders. **Final considerations:** Therefore, the Brazilian psychiatric reform, based on its process of deconstruction-construction-reconstruction of the psychiatric model, enabled the performance and insertion of the nutritionist in the field of mental health.

Keywords: Mental health, Nutritional sciences, Mental disorders, Public health.

¹ Instituto do Câncer do Ceará (ICC), Fortaleza - CE. *E-mail: heldermatheus10@hotmail.com

² Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza - CE.

³ Faculdade Nova Esperança de Mossoró (FACENE), Mossoró - RN.

⁴ Universidade Potiguar (UNP), Mossoró - RN.

⁵ Centro Universitário Fanor (UNIFANOR), Fortaleza - CE.

⁶ Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos - PI.

⁷ Centro Universitário Juazeiro do Norte (UNIJUAZEIRO), Juazeiro do Norte - CE.

RESUMEN

Objetivo: Reflexionar sobre las contribuciones e influencias de la reforma psiquiátrica brasileña para la construcción de la neuronutrición en la perspectiva de la promoción de la salud mental. **Revisión bibliográfica:** El estudio se desarrolló a través de una revisión bibliográfica con un enfoque teórico-reflexivo, así se comprende que el proceso de resignificación del sujeto en el sufrimiento psíquico a partir del movimiento sociopolítico de reforma psiquiátrica exigió una nueva atención en salud dirigida a métodos lo menos invasivos posibles para el tratamiento de las psicopatologías. Así, con el tiempo, se desarrolló la neuronutrición, contribuyendo a la producción de cuidados en salud mental, relacionando la conducta alimentaria y las influencias de los nutrientes en la mejora de las emociones, la neurocognición, el estado de ánimo y en el tratamiento de los trastornos mentales. **Consideraciones finales:** Por lo tanto, la reforma psiquiátrica brasileña, a partir de su proceso de deconstrucción-construcción-reconstrucción del modelo psiquiátrico, posibilitó la actuación y la inserción del nutricionista en el campo de la salud mental.

Palabras clave: Salud mental, Ciencias de la nutrición, Trastornos mentales, Salud pública.

INTRODUÇÃO

A Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB) teve uma trajetória baseada no movimento reformista no Brasil, iniciado na década de 1970, culminando na Reforma Sanitária (RS) no início dos anos de 1980. Assim, a RPB teve influências internacionais, isto é, os impactos dos movimentos que ocorriam em países como Itália e Estados Unidos mobilizaram todos os setores públicos do Brasil para uma nova concepção da saúde mental. Assim, em 1990, a RPB se tornou um grande movimento sociopolítico ocorrendo nos setores da saúde pública brasileira (RAMOS DKR, et al., 2019).

Naquele momento, Alves BC, et al. (2021) discutiam que a sociedade estava insatisfeita com a desvalorização, a incompreensão e a ausência da formulação de políticas públicas que compreendessem o indivíduo como um ser complexo que precisa de cuidado, acolhimento e humanização. Nessa perspectiva, os primeiros tabus e paradigmas dos termos “doente mental” ou “louco” foram quebrados ao longo do tempo, devido por um contexto societário marcado pelos preconceitos e estigmas, no século XX (FRANCESCHINI E e FONSECA TMG, 2017).

Sob essa perspectiva, Andrade APM e Maluf SW (2017) contextualiza que a Reforma Psiquiátrica visou a desconstrução da assistência manicomial com a finalidade de uma reconstrução deste modelo para diminuir as constantes denúncias de violência, cruéis e abusivas, perante os sujeitos que estavam em acompanhamento psiquiátrico, o que agravava mais os quadros de sofrimento, angústia e a sintomatologia dos sujeitos internados nos hospitais. Essas proposições da RPB propiciaram uma resignificação da saúde mental no país (FERNANDES CJ, et al., 2020).

Posteriormente, vieram outros documentos que ajudaram a ratificar esses pressupostos. A Declaração de Caracas divulgado através da Organização Mundial da Saúde (OMS) foi proclamada em novembro de 1990, por aclamação da Conferência Regional para a Reestruturação da Assistência Psiquiátrica dentro dos Sistemas Locais de Saúde (SOUZA HEF, 2020). Trata-se de documento que marca as reformas na atenção psicossocial nas Américas, ou seja, permitiu a promoção da saúde de modelos alternativos à assistência à saúde mental humanizada centrados nas comunidades, garantindo-se a possibilidade reestruturação da assistência psiquiátrica que assegurasse respeito aos direitos humanos dos sujeitos em sofrimento psíquico (OMS, 1990).

Ocorreu também a implementação da Lei 10.216, de 6 de abril de 2001, no Brasil, a qual dispõe sobre a proteção, assistência e direitos das pessoas com transtornos mentais, redirecionando para um modelo assistencial em saúde mental, focalizado na humanização, para que os sujeitos alcançassem a sua recuperação com a inserção na família, no trabalho e na comunidade, com suporte de profissionais de saúde (MARI JJ, 2011; BRASIL, 2001).

Nesse contexto, Pitta AMF (2011) observou que existe o fortalecimento e as resistências determinados por vitórias, derrotas, estigmas e a defesa de várias bandeiras sociais que garantissem a saúde, os direitos

humanos e a assistência às populações no decorrer dos anos, viabilizaram uma realidade para construção de um novo estatuto social garantindo aos sujeitos em sofrimento psíquico cidadania, respeito, direitos, assistência, somando-se à valorização da individualidade e integralidade no cenário psicossocial.

Desse modo, os ideais da Reforma Psiquiátrica desencadearam mudanças na Saúde Mental, o que perpassa a mudança de um modelo em saúde baseado no curativismo, na lógica manicomial, centrado na doença e nos fármacos, para um modelo de assistência que visa o sujeito de forma integral, sua (re)inserção no contexto social, almejando a qualidade de vida de forma multidisciplinar (FIGUÊREDO MLR, et al., 2014 e MARI JJ, 2011).

Partindo desse panorama, sentiu-se instigado para a atuação de profissionais de saúde no cuidado ao sujeito em sofrimento psíquico, em especial da nutrição e, por conseguinte, da atuação no nutricionista voltada para neurocognição, saúde mental, psicopatologias, comportamento e neuroquímica em sujeitos que precisam de acompanhamento nutricional em aspectos relacionados à saúde psíquica (VASCONCELLOS VC e AZEVEDO C, 2012).

Assim, reporta-se para a neuronutrição ou neurociência nutricional, no âmbito psiquiátrico, isto é, a atuação do nutricionista em ambulatórios, hospitais, triagens, Unidades Básicas de Saúde (UBS), Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e nas demais instituições que compõem a Rede de Atenção à Saúde (RAS), para o cuidado mental por meio da alimentação e nutrição, atuando no tratamento, na prevenção e na promoção da saúde mental (SILVA LG, 2020).

Trata-se de ensaio teórico-reflexivo, expondo delineamento argumentativo lógico-analítico, com ênfase nas perspectivas interpretativa e subjetiva. Logo, o ensaio acadêmico trata-se de texto elaborado para discutir temática previamente definida, partindo de base teórica delimitada. Assim, a Universidade Federal De São Carlos (UFSC) esclarece que além de focar os pensamentos dos autores e/ou teóricos, busca-se focar o tema a partir de uma abordagem original, destacando conceitos, concepções e reflexões e, conseqüentemente, estimulando o leitor para o debate (UFSC, 2014).

O Ensaio teórico é baseado no protocolo de revisão bibliográfica de literatura, definida conforme como uma abordagem ampla, contemplando a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais, para a entendimento de determinado fenômeno analisado, além disso, contempla também dados teóricos e empíricos da literatura para evidencia e analisar o problema do presente estudo e gerar dados consistente e compreensível (SOUSA MMS, et al., 2017)

Logo, objetivou-se refletir sobre contribuições e influências da RPB para construção da neuronutrição a partir da perspectiva da promoção em saúde mental.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ponderações sobre a Neuronutrição

A neuronutrição é compreendida como uma nova perspectiva das Ciências da Nutrição, voltada para o cuidado com o cérebro, a partir do diálogo com outras ciências: Psiquiatria, Neurociência, Filosofia, Psicanálise e Psicologia, reportando-se para o comportamento alimentar e as influências dos nutrientes para a melhoria das emoções, neurocognição, humor e no tratamento das psicopatologias sociais (TOPCUOGLU MA e ARSAVA EM, 2017; WILLIAMS RJ, et al., 2015). Para tanto, esta ciência surgiu a partir dos estudos comprovando os benefícios dos neurocêuticos (vitaminas, minerais, compostos bioativos, fitoquímicos) no comportamento sujeitos que sofriam com desordens neuropsiquiátricas: depressão, autismo, ansiedade, esquizofrenia, bulimia nervosa, anorexia nervosa, dentre outras (WILLIAMS RJ, et al., 2015; WILLIAMS RJ, et al., 2016; DEVI A e NARAYANAN R, 2019; JIRAUNGKOORSKUL W, 2016).

A neuronutrição tem, pois, origem internacional, sob influências norte-americanas e européias. Inclusive quando se coloca a palavra-chave “neuronutrição” em base de dados pode-se constatar a escassez de estudos na realidade brasileira, no entanto, quando se utiliza o termo em inglês “neuro-nutrition”, identificam-se diversas publicações abordando a temática, surgindo-se em hipótese que ela tem originalidade em países fora do Brasil (WILLIAMS RJ, et al., 2015; WILLIAMS RJ, et al., 2016).

Assim, no panorama internacional, essas investigações estão sendo mais exploradas. Um dos grandes exemplos de estudos do tipo clínico randomizado controlado, conduzido por Gopaldas M, et al. (2019) avaliou a baixa liberação das monoaminas, substâncias bioquímicas derivadas de aminoácidos através do processo de descarboxilação, isto é, a liberação de neurotransmissores como: serotonina, dopamina, noradrenalina, responsáveis pelo estado de humor, cognição, bem-estar, alerta e felicidade, como cofator mental responsável para o desencadeamento da depressão.

Desse modo, surgiu mais embasamento científico da nutrição em relação aos aspectos psicológicos e emocionais, por outra forma, no que tange a determinados transtornos mentais, tais como: ansiedade, bipolaridade, estresse, esquizofrenia, dentre outros, constituindo-se como mais uma dimensão da terapêutica para o cuidado a esses sujeitos (GOPALDAS M, et al. 2019).

Em relação a essa questão, é pertinente tratar do modelo psicossocial para atuação do nutricionista, ou melhor, os frutos das conquistas do cuidado integral em saúde mental, advindos da Reforma Psiquiátrica, que podem possibilitar aos usuários o protagonismo do seu tratamento por meio da alimentação, de hábitos saudáveis e de outros terapêuticos, superando o modelo hospitalocêntrico, caracterizado por tecnologias duras (MATTOS ACE, et al., 2018).

Por isso que, o desenvolvimento de estudos voltado para criação da neuronutrição, as influências dos diversos países foram preponderantes, principalmente a partir da década de 1950. Não foi apenas a Itália que influenciou a RPB, como rebate Silveira CB, et al. (2020), trazendo impactos para a ressignificação dos estudos e da atuação em Saúde Mental, mas também a França, os quais, inclusive em distintas proporções, influenciaram o Brasil para uma nova perspectiva diante uma assistência em saúde humanizada, despertando-se para a contribuição da Nutrição e atuação do nutricionista neste contexto.

A transição dos modelos de cuidado em saúde mental para uma perspectiva humanizada, em 2001, ocorreu por meio da Clínica Ampliada, valorizando a singularidade do sujeito inserido num determinado contexto, estimando sua especificidade, trazendo-o para o centro do cuidado em saúde. Após quase duas décadas, a Saúde Mental ainda continua constituindo um olhar diferenciado. Desse modo, as ações e as estratégias terapêuticas individuais ou coletivas na Redes de Atenção Psicossocial (RAPS), no Sistema Único de Saúde (SUS), têm como finalidade a promoção, a prevenção, a recuperação e a reabilitação em saúde, fortalecendo o sujeito enquanto protagonista da sua vida (OLIVEIRA DI, et al., 2020).

É fato também que, desde a sua institucionalização, a RAPS vem passando por avanços e retrocessos na articulação de uma abordagem terapêutica cognitiva e nutricional entre os psicólogos e nutricionistas, no ponto de vista comportamental dos sujeitos que apresentam Transtornos Alimentares (TA) (LOBOSQUE AM, 2011). Nesse panorama, há uma intensificação de casos relacionados à Saúde Mental e, por consequência, a demanda crescente por serviços psicológicos e de medicamentos psicotrópicos na RAS (CORDÁS TA e KACHANI TA, 2012).

A rotina social e as pressões individuais (internas e externas), possibilitam uma sintomatologia clínica desde a ansiedade, passando pela depressão e pelo aumento dos índices de suicídio em diferentes ciclos de vida, chegando a diversos casos de adoecimento psíquico e a falta de compreensão e empatia para esses sujeitos da sua singularidade, subjetividade e complexidade social-humana-mental (RODRIGUES MF, et al., 2020).

Foram surgindo novos questionamentos existenciais em relação à subjetividade no âmbito social da perspectiva da neuronutrição, não apenas no que se refere ao embasamento científico da Nutrição, já que as influências da sociedade impactam diretamente na saúde mental dos sujeitos, bem como nas motivações culturais e nos hábitos alimentares locais. Esses aspectos perpassam a ressignificação de ser um ser complexo no ser-mundo na condição de propiciar significados para o ato da alimentação, não apenas como forma de manutenção da vida ou de sobrevivência, mas para recuperar o sentido da alimentação para/com as manifestações individuais em espaço coletivo, no que concerne às dimensões culturais e históricas (ALVARENGA M, et al., 2018).

A atuação do nutricionista em Saúde Mental mobiliza também setores da luta antimanicomial em hospitais psiquiátricos que não ofereciam suporte e estrutura, ou muito menos uma assistência multiprofissional e, em

particular, a própria assistência nutricional para o acompanhamento do indivíduo. Para tanto, Vieira MES, et al. (2020) argumentam que a sensibilização de outras áreas do saber contribuiu para o desenvolvimento da Saúde Mental, inserindo assim a neuronutrição na perspectiva de entender e promover o bem-estar dos indivíduos, não apenas em nível ambulatorial, mas sim de forma ampliada, tratando o sujeito e fazendo com que ele perceba que, a partir da sua angústia e sofrimento, ele conseguirá encontrar prazer e alívio por meio da alimentação, respeitando sempre suas emoções, cognições e comportamentos alimentares perante a sociedade.

Ter uma conduta que abrace a integralidade e a universalidade em saúde fortalece os horizontes, mesmo com os estudos ainda incipientes, hoje, sobre as influências das emoções, dos sentimentos e dos comportamentos no ato de se alimentar, são bastante críticos no que diz respeito ao desenvolvimento do profissional nutricionista nessa área (CARNUT L, 2017).

Esta realidade deve ser pensada desde a infância, passando pela adolescência, chegando à fase adulta e a até a velhice, o que possibilita auxiliar na prevenção a aversões alimentares ou desenvolvimento de preferências alimentares no ponto de vista psicológico. Assim, faz-se impossível separar alimentação da afetividade, pois, o prazer do ato de se alimentar e as emoções subsequentes são influenciados pelos pensamentos e pelo comportamento, os quais, muitas vezes, podem ser de felicidade, alegria, acompanhadas de bem-estar e qualidade de vida na relação comer-prazer-comportamento (SILVA LG, 2020).

Nesse contexto, o nutricionista, a partir do seu saber-fazer alicerçado na neuronutrição, pode contribuir para as novas demandas que a sociedade vem exigindo do cuidado em saúde mental, na perspectiva multidisciplinar, com diversos profissionais da área da saúde, atuando numa abordagem integral do sujeito, o que implica na valorização das suas diversas dimensões, considerando-as imprescindíveis para a produção do cuidado em saúde; superando, pois, a lógica da mera dispensação de medicamentos para a proposição de várias terapêuticas: medicamentosa, prática de atividade física, reeducação alimentar, etc. (OLIVEIRA APA, et al., 2019; OLIVEIRA ANL, et al., 2019).

Por isso que, a facilidade da comunicação no mundo contemporâneo propicia a disseminação de informações cada vez mais rápidas e, por vezes, errôneas sobre determinados assuntos que se encontram em pauta na mídia. Nesse ínterim, o surgimento de dietas e alimentos milagrosos que levam à perda e ao ganho de peso, ou ajudam na saúde psíquica prometem mais do que cumprem, por falta de embasamento científico e estudos clínicos (SILVA JK, et al., 2016).

Somando-se à essa realidade, com o avanço da nutrição nos espaços coletivos e interdisciplinares, os planejamentos dietéticos e dietoterápicos ficaram mais individualizados ou até mesmo restritivos. E com as modalidades e áreas de especializações no campo da nutrição essa tendência se intensifica. É necessário, no entanto, que, a partir desses impasses, as abordagens dentro da nutrição sejam menos agressivas e possibilitem ao sujeito uma boa relação com alimentação, isto é, buscar equilíbrio entre a alimentação, saúde corpórea e mente para que, assim, possa contribuir com a qualidade de vida e a longevidade das pessoas (SILVA JK, et al., 2016).

Os tratamentos nutricionais tradicionais, baseados na prescrição de dietas, sem valorizar a realidade em que o sujeito se insere, continuam a ser ensinados nos currículos de muitas Instituições De Ensino Superior (IES), privadas ou públicas, demonstrando-se ineficaz para melhorar os parâmetros de saúde do sujeito em âmbitos individual e coletivo (ALVARENGA M, et al., 2018).

Por isso, são necessárias novas ferramentas e abordagens para reforçar a motivação voltada à compreensão e à percepção acerca da relação estabelecida com o alimento e, por conseguinte, a reflexão de como os pensamentos e os sentimentos influenciam os comportamentos que envolvem a alimentação e a relação com o corpo, a mente e a alma (SILVA JK, et al., 2016).

Então, essa nova proposta implica romper com modelos e protocolos tradicionais desde adoção das dietas da moda, incluindo a estratégia *Low Carb*, dieta cetogênica, do tipo sanguíneo, restritiva ou dos três dias, trazendo consigo avanços em termos teóricos e práticos, apontando uma nova concepção do fazer em saúde e do existir no cotidiano dos sujeitos (PASSOS JA, et al., 2020).

Para tanto, Demétrio F, et al. (2011) relatam que as conquistas e os avanços da nutrição a partir das influências da RPB são imensuráveis, ou seja, houve novas práticas clínicas e condutas nutricionais que respondessem às exigências de uma realidade apregoada por um novo modelo de atenção à saúde mental: baseado no modelo psicossocial. Entretanto, a neuronutrição, além de possuir um cuidado com o cérebro e as psicopatologias, consegue extrair do sujeito a valorização do alimento, da sabedoria e da escuta, em articulação de saberes-fazer para a exploração da dimensão dialógica no exercício legítimo da nutrição sob uma perspectiva ampliada na contemporaneidade.

A mediação da relação do sujeito – sujeito, ou melhor, do nutricionista com o paciente na sociedade moderna, mostra-se bastante crucial para o reconhecimento das necessidades nutricionais e psicológicas para uma maior sensibilidade emocional e capacidade de comunicação diante o sofrimento psíquico do paciente. Logo, o profissional que adota práticas humanísticas em seus atendimentos faz com que as técnicas do nutricionista possam adaptar-se à realidade do sujeito. Nesse sentido, uma nutrição baseada no equilíbrio entre alimentos e emoções constitui-se no domínio que os todos os nutricionistas precisam possuir, o que se configura em desafio que não é garantido com prescrição ou apenas educação nutricional, mas sim no entendimento de trabalhar o consciente, o inconsciente, o desejo, a vontade, os gostos para o ato de alimentar-se e nutrir-se o sujeito na busca de algo no ser/mundo sobre suas subjetividades complexas (MATTOS ACE, et al., 2018).

A nutrição pode inserir-se na perspectiva de atender os princípios doutrinários do SUS: a integralidade, a equidade e a universalidade em saúde. Isso porque, ao se reportar para o campo da saúde, existe uma complexidade no cuidado ao sujeito, por isso a integralidade designa o cuidado do ser como um todo, visualizando todas as variações de interpretações e a aplicabilidade diante o contexto em que se insere ou no que diz respeito ao conceito de respeito, dignidade, qualidade e acolhimento nas práticas de saúde (OLIVEIRA IC e CUTOLO LRA, 2012; LINARD AG, et al., 2011).

Desse modo, o profissional, além de ter competências técnico-científicas, as quais lhe qualificam para a inserção no mercado de trabalho, também terá uma visão mais integral, holística, sensível, referenciada pelos princípios da integralidade e humanização, com capacidade de tomar decisões de forma mais segura a respeito da saúde do paciente. Assim, todo cidadão tem direito a uma assistência global, onde o profissional de saúde levará em consideração aspectos emocionais, econômicos e culturais (SILVA JK, et al., 2016).

Sob essa perspectiva, a Nutrição pode transformar-se em uma ciência aberta, polifônica, baseada em novos pensamentos, evidências, métodos e estratégias recentemente descobertos ou ressignificados, do ponto de vista técnico-científico e sociocultural. Aliás, o mundo da nutrição gira em torno de múltiplas possibilidades, da forma como acontece, isto é, do “depende”: do local, das pessoas, da convivência e meios de ter uma melhor relação com a alimentação (DENEGRI ST, et al., 2017).

Sobremais, a história que antecede o campo da Saúde Mental, o que reporta à Reforma Psiquiátrica, foi fundamental para que a Nutrição começasse a visualizar o sujeito não apenas do ponto de vista biomédico e assistencialista, mas sim com suas particularidades, na subjetividade, no inconsciente, o que se refere ao sujeito no processo de adoecimento psíquico (RAMOS DKR, et al., 2019).

Assim, o próprio cuidado contínuo, periódico e preventivo do adoecimento psíquico na sociedade contemporânea, deve abranger de forma diferenciada e enfatizar a pessoa como um todo, principalmente, no que tange aos seus aspectos cognitivos na mediação de se livrar dos desejos reprimidos no que se refere à alimentação, respeitando a subjetividade e a inserção social para a valorização da vida, hábitos alimentares, e não apenas a sintomatologia dos transtornos psíquicos; configurando-se, pois, para o nutricionista em novas práticas inovadoras nas últimas décadas, acerca desse cuidado mais realístico na perspectiva da neuronutrição (SILVA JK, et al., 2016; BAKLIZI GS, et al., 2021).

Argumenta-se, então, que a neuronutrição pode constituir-se como avanço das Ciências da Nutrição, as quais passam a vislumbrar o ser humano sob outras perspectivas, a partir da relação ou das relações que estabelecem com os alimentos sob a influência da mente. Logo, torna-se indescritível um cuidado em saúde mental que vise o ser humano nas suas múltiplas dimensões, destacando-se a necessidade da ressignificação da própria nutrição nos processos formativos de novos profissionais para que enfoque o sujeito enquanto protagonista das suas emoções, sentimentos, escolhas alimentares (BAKLIZI GS, et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste ensaio, pode-se reconhecer que a Reforma Psiquiátrica Brasileira trata-se de um passo fundamental, que continua a ressoar no século XXI, para a busca da cidadania, do direito à assistência humanizada e da garantia à saúde das pessoas com transtornos psiquiátricos, ainda que esteja permeada por muitos impasses e desafios, encontrando-se num contínuo desenvolvimento. Nesse panorama, emerge a neuronutrição como uma das respostas da Nutrição às demandas suscitadas pela Reforma Psiquiátrica, no sentido de valorizar a Saúde Mental, com um olhar ampliado, ao pensar a terapêutica nutricional nas situações de sofrimento psíquico ou de transtornos mentais, principalmente os alimentares, contribuindo para a produção de um cuidado em saúde integral. Para tanto, é necessário estabelecer o diálogo das Ciências da Nutrição, com a Psicologia, a Filosofia, a Psicanálise, a Psiquiatria, a Neurociência.

REFERÊNCIAS

1. ALVARENGA M, et al. Nutrição comportamental. 2ª ed. Rio de Janeiro: Manole Março, 2018; 542-543p.
2. ALVES BC, et al. A história da loucura e suas diversas concepções temporais. *Anais do EVINCI*, 2021; 1(1): 1-10.
3. ANDRADE APM, MALUF SW. Experiências de desinstitucionalização na reforma psiquiátrica brasileira: uma abordagem de gênero. *Revista Interface – comunicação, saúde, educação*, 2017; 21(63): 811-821.
4. BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Emenda Constitucional: dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental, 2001. Disponível em: <https://hpm.org.br/wp-content/uploads/2014/09/lei-no-10.216-de-6-de-abril-de-2001.pdf>. Acessado em: 13 de março de 2022.
5. BAKLIZI GS, et al., Neuronutrição na depressão e transtorno de ansiedade. *Research, Society and Development*, 2021; 10(17): 1-10.
6. CORDÁS TA, KACHANI AT. Nutrição em Psiquiatria. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed Junho, 2010; 201-202.p
7. DEMÉTRIO F, et al. A nutrição clínica ampliada e a humanização da relação nutricionista-paciente: contribuições para reflexão. *Revista nutrition*, 2011; 24(4): 743-763.
8. DEVI A, NARAYANAN R. A Review on Neuronutrition. *Asian Journal Of Dairy And Food Research*, 2019; 38(2): 128-133.
9. DENEGRÍ ST, et al. Reflexões sobre a história da nutrição: do florescimento da profissão ao contexto atual da formação. *Revista Contexto e saúde*, 2017; 17(32): 75-84.
10. FIGUÉIREDO MLR, et al. Entre loucos e manicômios: história da loucura e a reforma psiquiátrica no Brasil. *Revista Cadernos De Graduação Ciências Humanas e Sociais*, 2014; 2(2): 121-136.
11. FERNANDES CJ, et al. Índice de Cobertura Assistencial da Rede de Atenção Psicossocial (iRAPS) como ferramenta de análise crítica da reforma psiquiátrica brasileira. *Cadernos de Saúde Pública - Fiocruz*, 2020; 36(4): 1-16.
12. FRANCESCHINI E, FONSECA TMG. Arte e loucura como limiar para outra história. *Psicologia USP*, 2017; 28(1): 14-22.
13. GOPALDAS M, et al. Brain serotonin transporter binding, plasma arachidonic acid and depression severity: A positron emission tomography study of major depression. *Journal of Affective Disorders*, 2019; 257(2): 495-503.
14. JIRAUNGKOORSKUL W. Review of neuro-nutrition used as anti-alzheimer plant, spinach *Spinacia oleracea*. *Pharmacognosy*, 2016; 10(20): 105-108.
15. LINARD AG, et al. Integralidade da Assistência na Compreensão dos Profissionais da Estratégia Saúde da Família. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2011; 32(3): 546-553.
16. LOBOSQUE AM. Debatendo alguns desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 2011; 16(12): 4590-4602.
17. MARI JJ. Um Balanço da Reforma Psiquiátrica Brasileira. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 2011; 16 (12): 4590-4602.
18. MATTOS ACE, et al. Dialogando sobre alimentação e nutrição na saúde mental: Ações promotoras de saúde por meio de oficinas de horticultura. *Revista da Associação Brasileira de Nutrição*, 2018; 9(2): 17-24.
19. OLIVEIRA IC, CUTOLO LRA. Humanização como expressão de Integralidade. *O Mundo da Saúde*, 2012; 36(3): 502-506.
20. OLIVEIRA DI, et al. Reforma psiquiátrica brasileira e suas influências europeias e norte americanas. *Revista Amazônica*, 2020; 25(2): 333-354.
21. OLIVEIRA ANL, et al. Os alimentos e os transtornos mentais. *Portal do Psicólogos*, 2019; 1(1): 1-11.
22. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Declaração De Caracas. 1990. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_caracas.pdf. Acessado em: 13 de março de 2022.

23. PITTA AMF. Um balanço da Reforma Psiquiátrica Brasileira: instituições, atores e políticas. *Ciênc. saúde coletiva*, 2011; 16(12): 4579-4589.
24. PASSOS JA, et al. Ciclos de atenção a dietas da moda e tendências de busca na internet pelo Google trends. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 2020; 25(7): 2615-2631.
25. RAMOS DKR, et al. Pesquisa qualitativa no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira: vozes, lugares, saberes/fazeres. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 2019; 24(3): 839-852.
26. RODRIGUES MF, et al. Comportamento suicida: o perfil epidemiológico das lesões autoprovocadas no estado de Goiás. *Revista RESAP*, 2020; 6(2): 1-15.
27. SILVA JK, et al. Comportamento alimentar no campo da Alimentação e Nutrição: do que estamos falando?. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 2016; 34(4): 1103-1123.
28. SILVEIRA CB, et al. Redes de atenção à saúde como produtoras de cuidado em saúde mental: uma análise reflexiva. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Menta*, 2018; 19(1): 1-10.
29. SOUSA HEF. A reforma psiquiátrica e a criação dos centros de atenção psicossocial brasileiros: um rápido mergulho através história. *Ideias & Inovação*, 2020; 5(3): 45-52.
30. SOUSA MMS, et al. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. *Revista Investigação em Enfermagem*, 2017; 21(2): 1-14.
31. SILVA LG. Neurociência nutricional: aspectos nutricionais na saúde mental. Trabalho de Conclusão de Curso (Nutrição). Centro Universitário Unifacvest, Lages, 2020; 52p.
32. TOPCUOGLU MA, ARSAVA EM. Neuronutrition: An Emerging Concept. *Nutrition In Neurologic Disorders*, 2017; 1(2): 1-28.
33. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. 2014. Dicas Sobre Como Escrever um Ensaio Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116800/Dicas_Sobre_Como_Escrever_Um_Ensaio.Pdf. Acessado em: 13 de mar. de 2022.
34. VASCONCELLOS VC, AZEVEDO C. Trabalho em saúde mental: vivências dos profissionais diante dos resultados. *Physis*, 2012; 17(4): 659-668.
35. VIEIRA MES, et al.. Religiosidade e saúde mental: visão de equipe multiprofissional de centro de atenção psicossocial. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*. 2020; 12(33): 16-40.
36. WILLIAMS RJ, et al.. Neuro-nutraceuticals: The path to brain health via nourishment is not so distant. *Neurochem. Int*, 2015; 89(1): 1-6.
37. WILLIAMS RJ, et al. Neuro-nutraceuticals: Further insights into their promise for brain health. *Neurochem. Int*, 2016; 95(1):1-6.